

"ATÉ PODE TER, MAS NÃO PRECISA DEMONSTRAR OU ASSUMIR! NINGUÉM PRECISA SABER!": DISCURSOS DOS ALUNOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE AS MASCULINIDADES DO FUTEBOL"

GUSTAVO MARTINS DE ANDRADE
MARCO FRANCISCO COSTA VILLAS BÔAS
ELAINE ROMERO
ERIK GIUSEPPE BARBOSA PEREIRA

Apontamentos iniciais

A literatura aponta que os estudos de gênero têm se mostrado como um campo multidisciplinar, com uma pluralidade de influências (SAFFIOTI, 1987; SCOTT, 1995; LOURO, 1997 e 1999; CONNELL, 1995; ALMEIDA, 1996 e ALMEIDA, 2000; NOLASCO, 1993, 1995 e 2001, entre outros). Na tentativa de reconstruir experiências excluídas, várias áreas do saber têm socializado o conhecimento produzido tendo em conta o gênero como categoria de análise. Na Educação Física, os estudos de gênero ainda estão em fase de construção, conforme revelou o resultado da pesquisa de Romero (2007). Os estudos de Knijnik e Machado (2008), Melo e Vaz (2008), Monteiro (2008) Pereira (2002; 2008; 2009a, 2009b e 2010) e Pereira e Romero (2004) corroboram com esta ideia. Reportando-nos às atividades físicas, a prática de exercícios físicos, no universo masculino, era vista como uma importante fonte de experiência da afirmação da masculinidade e a ser percebida como uma barreira contra a feminilização (MESSNER e SABO, 1990; SABO, 2002). Já no pensamento de Malysse (2002) fica clara a ideia de que os homens também buscavam, por meio da prática de exercícios, o embelezamento de seu corpo, com o aumento e delineamento de seus músculos. Contudo, estes sempre estiveram associados à ideia de força e domínio do corpo masculino. A partir do que foi exposto, procuramos resposta(s) para a seguinte indagação: Como se configuram os discursos de alunos do curso de Educação Física acerca da construção das masculinidades no futebol? O objetivo da pesquisa foi analisar os discursos dos graduandos em Educação Física sobre a construção das masculinidades no futebol.

A trilha metodológica

A metodologia foi do tipo descritivo, de caráter etnográfico e natureza qualitativa. A amostra foi selecionada e os participantes foram 61 alunos, de ambos os sexos, de diferentes períodos, e todos matriculados na Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ. Os instrumentos foram: um painel de fotos alusivas a jogadores de futebol, extraídas de sítio de acesso fácil do público e uma entrevista semi-estruturada, cujos dados reportaram-se à análise de discurso. Como procedimento de análise, na esteira de Lima (1994), passamos pelas seguintes etapas: 1- Descrição; 2- Redução fenomenológica; 3- Reorganização das unidades; 4- Interpretação fenomenológica. Apresentamos aos participantes o painel de fotos dispostas na figura que segue. Na seqüência, formulamos as perguntas da entrevista. Os resultados encontrados foram agrupados nas categorias: As atividades ditas masculinas *versus* atividades ditas femininas: um discurso sobre masculinidades



Figura 1. Painele de fotos exibido na entrevista (Fonte: http://edvaldosouzacouto.blogspot.com/2009_12_27_archive.html)

Desde tenra a infância, meninos e meninas dependem da mãe, necessitando do seu cuidado físico e emocional. Mas a sociedade patriarcal exige que o menino rompa muito cedo a dependência físico e emocional com a mãe, afastando-se da genitora numa época em que ainda precisa muito dela. E para corresponder ao papel masculino que todos os amigos, vizinhos e familiares esperam dele, passa a vida inteira se esforçando para mostrar que é macho. No âmbito da Educação Física, são consideradas comuns e normais as atitudes, os comportamentos e até frases como *“homem não dança!”*, *“menino não chora!”* e *“vem cá se você é homem!”*.

É possível afirmar que existe um projeto social diferente para homens e mulheres em quase todas as culturas, que modela o homem como desbravador, mais agressivo, combativo, forte fisicamente e racional. Há uma diferenciação na percepção do *Ser masculino*: o homem ou o menino deve jogar futebol, fazer jiu-jitsu e brincar de carrinho o carro. As meninas devem preferir o balé, as danças e brincar de bonecas. Um participante diante da pergunta: “Então vocês acham que no futebol não pode haver jogadores homossexuais?” destaca que *“Não, não é bem assim. Até pode ter, mas não precisa demonstrar ou assumir! Ninguém precisa saber!”*. Podemos interpretar, então, que esses conceitos tão comuns em nosso cotidiano, expressam, na verdade, estereótipos sobre a masculinidade e feminilidade. Essas visões são heranças culturais transmitidas e reforçadas pela sociedade representados pela família, amigos, vizinhos e a própria escola. Nolasco (1993) demonstra as diferenças entre o homem e a mulher em lidar com os contornos das suas subjetividades. O processo de formação da identidade masculina é bastante complexo, dando-se de forma desigual e diferente daquele que ocorre com as mulheres. A identidade masculina se dá principalmente em termos negativos, ser homem é não ser mulher, é

rejeitar o que é feminino, o que contribuí também para a desvalorização social e cultural da mulher e para sua subordinação.

Assim construídas, as masculinidades socialmente exibidas apresentam-se como um mundo aparentemente desprovido de sentimentos, quando muito, subsiste a emoção a flor da pele, reação repentina ao estímulo emocional. Segundo Saffioti (1987) e Belotti (1985), para alguns homens, o poder social que é outorgado às masculinidades é fonte de sofrimento e alienação. Trata-se de homens que suprimem suas emoções, necessidades e possibilidades, tais como o prazer de cuidar dos outros, receptividade, a empatia e a compaixão, que são experimentados como inconsistentes com o poder masculino. A identidade masculina, nascida de uma renúncia ao feminino e não da afirmação do masculino, constrói-se e é vivenciada como algo tênue e frágil, que precisa ser constantemente reafirmado (NOLASCO, 1993 e 1995; MOTA, 2000 e ALMEIDA, 2000.). A identidade masculina não é linear, sofre modificações com a idade, a classe social, as relações de trabalho, as mudanças de status, a acumulação ou perda de prestígio. Em geral, pode-se dizer que a identidade masculina está sempre a ser construída e confirmada, ao passo que a feminina apresenta uma maior estabilidade, sendo reafirmada "naturalmente" pelas mulheres na gravidez e nos partos (SAFFIOTI, op.cit. e 2001). Para Almeida (2000) e Mota (op.cit.), as masculinidades apresentam-se como um conjunto de significados sempre mutantes, que construímos através de nossas relações com nós mesmos, com os outros e com nosso mundo. Para os autores, ser homem no dia a dia, na interação social, nas construções ideológicas, nunca se reduz aos caracteres sexuais, mas sim a um conjunto de atributos morais de comportamento, socialmente sancionados e constantemente reavaliados, negociados, lembrados em suma, em constante processo de construção. Assim como as feminilidades, as masculinidades ocupam um lugar na dimensão simbólica e nas relações sociais e institucionais. Connell (1995) assinala que as masculinidades, assim como as feminilidades são construídas socialmente, é histórica, mutável e relacional.

Os estudos sobre os homens e as masculinidades especialmente aqueles desenvolvidos a partir dos anos 90, têm trazido contribuição para os estudos de gênero ao apresentar a problemática do gênero do ponto de vista dos homens e ao explorar questões similares àquelas desenvolvidas pelos estudos feministas e homossexuais ao longo de quase três décadas, seguindo os mesmos passos teóricos e metodológicos dos estudos das mulheres (CUNHA JÚNIOR, 2000 e PEREIRA, 2009a, 2009b e 2010). Para o questionamento: "Então vocês acham natural acontecer esse tipo de comemoração?", um entrevistado diz: "Eu não!" (moça) e continua "Natural não é não, muita gente vai dizer que não, mas pode acontecer né?".

Na questão: "Se vocês tivessem algum ídolo envolvido nessas fotos, qual seria a reação de vocês?" Encontramos respostas como: "Uma reação de indiferença.."; "É.."(outras alunas concordam); "do tipo.. não esperava!"; "poderia pensar assim.. eu não sabia disso, mas já que ele gosta, já que ele é assim.. ta bom!". Continuando na questão, alguns alunos confirmaram que seria "Uma reação de indiferença.."; "É.."(outras alunas concordam); "do tipo.. não esperava!"; "poderia pensar assim.. eu não sabia disso, mas já que ele gosta, já que ele é assim.. ta bom!". Um aluno nos afirma: "Nenhuma. Ah, sei lá! Porque a gente não espera". Outro aluno continua: "Não existe não ter reação, a gente vai ter, positiva ou negativa, mas vai ter reação".

Percebemos nos discursos acima a existência de uma confusão conceitual. As masculinidades não se apresentam de modo uniforme, destacando-se a existência de padrões hegemônicos e outros subordinados a estes. Tais formas baseiam-se no poder social dos homens, sendo assumidas de modo complexo por homens individuais. A hegemonia é uma forma de dominação em que o dominado participa da dominação. No campo de gênero, trata-se da capacidade de impor uma definição específica sobre outros tipos de masculinidade, o que significa que o modelo exaltado corresponde, na realidade, aquele que pode ser atribuído a muito poucos homens (CONNELL, 1995). O conceito de masculinidades hegemônicas permite uma concepção

mais dinâmica de masculinidades, entendida como uma estrutura de relações sociais em que várias masculinidades não-hegemônicas subsistem, ainda que reprimidas e auto-reprimidas por esse consenso e senso comum hegemônico, sustentado pelos significados simbólicos incorporados. É fundamental apreender como são construídos em contextos culturais diversos os modelos dominantes, e que tipo de relação homens de diferentes estratos sociais vão estabelecer com este modelo. Há portanto, tantas masculinidades quanto hajam diferentes contextos de vida. As masculinidades são socialmente construídas, e não uma propriedade de algum tipo de essência eterna, nem mítica, tampouco biológica. As masculinidades são arquitetadas simultaneamente em dois campos inter-relacionados de relações de poder – nas relações de homem com mulheres (desigualdade de gênero) e nas relações dos homens com outros homens (desigualdades baseadas em raça, etnicidade, sexualidade, idade etc.(PEREIRA; 2009a; 2009b e 2010).

2- Futebol e o universo das masculinidades

O futebol é uma paixão internacional, um fenômeno único no mundo. No Brasil, então, é indiscutível o fascínio exercido por este esporte, que assume um enorme espaço na nossa manifestação cultural. É o responsável pela ocupação de espaços imensuráveis na vida dos aficionados e mesmo aqueles que não gostam não estão imunes. O futebol não se restringe aos estádios, mas também nos meios e comunicação, na rua, no bar, em casa e na do vizinho, há uma partida de alguma forma. Alcançou também este estudo, pois esse bate-papo não se restringiu apenas aos jogadores; se expandiu ao longo dos discursos dos participantes. Para DaMatta (1986 e 1987), o futebol aparece como um dos poucos itens que, trazidos pelos colonizadores, foi totalmente dominado pela nossa cultura. Da graça nasceu a ginga; da malandragem, o drible; da criatividade, o gol de bicicleta. Em um período em que havia a intenção de construir o conceito de nação, o esporte em geral e o futebol, em particular, emerge como importante elemento de unificação e mobilização das massas. Nas falas dos participantes, um "modelo" de esporte próprio para o homem brasileiro, segundo os entrevistados.

Na pergunta: "Vocês acompanham futebol?" Tem ídolos? O que vocês acham dessas fotos? Ouvimos: "*Que horror!*"; "*Nossa!*"; "*Agressivas*"; "*homossexuais*" (risos); "*não, não é não*"; "*Pô.. dois homens deitados se beijando..*"; "*bem provocativas*"; "*Aí viu.. eu não disse. Eu falei, eu falei..*"; "*Ali não!*"; "*Hum.. Eca!*". Os ídolos citados foram "*David Beckham e Fabio Canavaro*". Continuamos: "Já viram imagens dos ídolos em ações afetuosas mais delicadas?" "*sim, passa direto!*" Qual foi sua reação? [Reação de espanto ao ver a foto do jogador Buffon]. "*É o Buffon?? Hã.. é o Buffon !!*"; "*o Buffon é viado.. sacanagem..*"(risos). Questionamos na possibilidade de seus ídolos serem vistos numa comemoração beijando ou sendo beijado e tivemos as seguintes respostas: "*Ser beijado aonde? No rosto, na boca?*"; "pode ter seus casos .. (risos)" E desconfiados afirmam: "*sim, mas passa direto!*" No complemento da pergunta: "Qual foi sua reação? "*Sei lá, acho que nada, normal eu acho*". Guedes (1986) acredita que o futebol opera como identidade nacional brasileira. Segundo a autora, o futebol é capaz de alastrar os veículos para o debate sobre as características do povo brasileiro. E também passa a ser o local mais adequado para ampliar o processo de construção e socialização do corpo masculino. Ao entendermos futebol como um ritual coletivo em que o culto a um determinado tipo de masculinidades hegemônicas é reconhecível, podemos inferir que essas masculinidades devem ser entendida não como um aspecto *a priori* da personalidade individual ou um dado biológico, mas como um sistema de representações coletivas, atributos, práticas e atitudes cultural e historicamente localizáveis (HELAL, 1997). Neste sentido, devemos falar de masculinidades, reconhecendo as diferentes definições de hombridade que construímos. Empregando o termo no plural, reconhecemos que masculinidades significa diferentes coisas para diferentes grupos de homens em diferentes momentos (CONNELL, 1995). A definição hegemônica de masculinidades

foi construída de maneira relacional e constituindo-se em um campo de poder, transformando outros *em* os outros, como um modo de limpar o espaço discursivo e prático em que homens angustiados pudessem demonstrar e provar a sua masculinidade.

3- Diferenças sociais *versus* diferenças sexuais



Fig. 2- Foto de Ibrahimoic e Pique (Fonte: http://edvaldosouzacouto.blogspot.com/2010_05_02_archive.html); Fig. 3 Foto de Richarlyson (Fonte: <http://atitudes-otarias.blogspot.com/2010/07/falam-ainda-que-ele-nao-e-viado-mais.html>)

Diante das fotos apresentadas as expressões foram: *“Isso é sacanagem, eles são gays!?”*; *“Ah não!”*(menina); *“tem uns que nem percebem assim na hora”*(menina); *“que não percebe o que..”*(menino); *“é viadagem”* (risos); Mal perguntamos sobre as imagens posteriores, os alunos já comentavam: *“Ah, esse aí é muito!”* (rapaz); *Esse aí é o que? “Esse aí é menina! Richarlyson”* (rapaz); *“menina..?”* (risos - moça). *“Olha o Richarlyson.”*(risos); *“Ele é gay, ele é gay!”*; *“O Richarlyson é gay?”*; *“Óbvio! Ele é gay mesmo, mas não é pelo exercício não, é porque... sempre sai na mídia, que ele é gay, né!? Já ouvi falar que ele é gay mesmo!”*.

As opiniões dos entrevistados levaram-nos a discutir o tema. Contudo, intrigou-nos o fato de o porquê de os participantes relacionar a atividade exposta com a homossexualidade? Sendo esta um ramo mais frequente nos estudos da sexualidade, das relações e representações de gênero, fica claro a importância de compreender a sexualidade no desenvolvimento da vida psíquica das pessoas. A sexualidade relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental do ser humano. Cada sociedade desenvolve regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. É medido pela ciência, pela religião e pela mídia, e sua resultante é expressa tanto pelo imaginário coletivo quanto pelas políticas públicas, coordenadas pelo Estado (FRY, 1982). A sexualidade será construída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o meio social, cultural e histórico. Nesse contexto as crianças recebem desde muito cedo, uma qualificação ou julgamento do mundo adulto, permeados de valores e crenças atribuídas à busca de prazer que estarão presentes em suas vidas. Nessa engrenagem, detectamos, manifestações associadas à sexualidade humana, cuja perspectiva de gênero está inevitavelmente ligada. Muitas vezes, foi atribuído à conotação de homossexual a conceitos e atitudes menos convencionais da forma de ser homem. Ela escapa aos estereótipos de gênero, tal como um menino ao praticar dança ser chamado de "boiola", "gay", "bicha" ou "mariquinha".

As principais impressões

Verificamos nos discursos um certo desconforto quando o assunto foi as imagens exibidas. Nossas principais impressões apontam para a reprodução de estereótipos, preconceitos,

resistências e até mesmo novos valores e atitudes que enaltecem visões dominantes entre homens e mulheres na sociedade atual nas relações de gênero. Essa problemática reflete também no universo das práticas corporais, mais especificamente no curso universitário de Educação Física. Os dados evidenciaram a persistência determinante de normas, crenças, tabus, estereótipos e valores socioculturais que interferem na construção do corpo masculino. A pesquisa confirma que aspectos relacionados às “arquiteturas” das relações de gênero têm fundos socioculturais e históricas (SCOTT, 1995). Destarte, respondendo à questão norteadora da presente investigação somos levados a inferir que o futebol, ao que tudo indica, vem atuando como legitimador e reproduzidor de uma ideologia hegemônica, patriarcal e machista, sedimentando o *status quo*.

Referências

- ALMEIDA, M.I. **Masculino e feminino**: tensão insolúvel, sociedade brasileira e organização da subjetividade. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ALMEIDA, M. Dimensões da masculinidade no Brasil. **Cadernos do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero - NUTEG**. Niterói/RJ: EDUFF, v. 1, p.29-38, 2000.
- BELOTTI, E.. **Educar para a submissão**: o descondicionamento da mulher. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.
- CONNELL, R. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 184-206, jul./dez, 1995.
- CUNHA JÚNIOR, C.F. **Gênero e história**: apontamentos de uma pesquisa sobre a masculinidade e Educação Física. Anais do VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e dança. Gramado, 2000. p. 396-400.
- DaMATTA, R.. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- _____. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- FRY, P. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.
- GUEDES, S. L. A construção do corpo masculino nas escolinhas de futebol. XX Encontro Anual da Anpocs, **ANAIS**. Caxambu, 1986.
- HELAL, R.. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.
- KNIJNIK J. D. e MACHADO, A. A. Bailarinos do esporte: notas sobre novas masculinidades em campo. In: ROMERO, E. e PEREIRA, E.G.B (Orgs.) **Universo do corpo**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p. 137-150.
- LIMA, L.A. Capoeira angola: lição de vida na civilização brasileira. In: BICUDO, M.A. e ESPOSITO, V.H (Orgs.): **Pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Ed. Unimep, 1994. p. 61-66.
- LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- _____. Pedagogias da sexualidade. In: (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 7- 34.
- MALYSSE, S. Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Nu e vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 79-138.
- MELO, V.A. e VAZ, A. F. Cinema, corpo, boxe: reflexões sobre suas relações e notas sobre a questão da construção da masculinidade. In: ROMERO, E. e PEREIRA, E.G.B (Orgs.) **Universo do corpo**: Masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p.117-135.
- MESSNER, M.A. e SABO, D.F. (Eds). **Sports, men and gender order**: Critical feminist perspectives. Champain: Human Kinetics, 1990.

- MONTEIRO, M. Corpo, biologia e masculinidade. In: ROMERO, E. e PEREIRA, E.G.B (Orgs.) **Universo do corpo: Masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p. 103-115.
- MOTA, M.P. Gênero, sexualidade e masculinidade: reflexões para uma agenda de pesquisa no contexto de uma experiência. **Cadernos do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero-NUTEG**. Niterói/RJ: EDUFF, v. 1, p.39-49, 2000.
- NOLASCO, S **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- _____. A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In _____. (Org.). **A desconstrução do masculino**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, p. 15-29.
- _____. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- PEREIRA E.G.B. **A construção sociocultural do corpo masculino nos discursos de graduandos em Educação Física**. Rio de Janeiro, 202. 97p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Motricidade Humana) Universidade Castelo Branco; 2002.
- _____. **A construção social das masculinidades na Educação Física infantil**. Asuncion, 2009b, 147f. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano). Universidad Autonoma de Asuncion.
- _____. Discutindo gênero, corpo e masculinidade. In: ROMERO, E. e PEREIRA, E.G.B. (Orgs) **Universo do corpo: masculinidades e feminilidades**. Rio de Janeiro: Shape; 2008.
- _____. Reflexões sobre práticas corporais, identidades e masculinidades. **Revista Brasileira de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana**, v. 1, p. 37-43, 2009a.
- _____. O masculino na Educação Física infantil: discursos e imagens. **Revista Brasileira de Psicologia Aplicada ao Esporte e à Motricidade Humana**, v.2, p.74 - 78, 2010.
- PEREIRA E.G B. e ROMERO, E. "... para ser macho não pode negar fogo, tem que ser viril. Então não tem nada a ver com a dança". **Revista da Faced**. Faculdade de Educação da UFBA. n. 8 - Salvador, 2004. p 139-155.
- ROMERO, E. Inventory of Brazilian Physical Education Gender Studies. **The FIEP Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 77, n. 2, p. 658-661, 2007.
- SABO, D. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN & SILVESTRIN (Org.). **Gênero plural**. Curitiba: UFPR, 2002. p. 33-46.
- SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Ed. Moderna, 1987.
- _____. Contribuições Feministas para o Estudo da Violência de Gênero. **Cadernos Pagu**. 2001, n.16, p.115-136.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n.º2, p.71-99, jul./dez., 1995.